Compreendendo o Crise israelense/palestina: uma cartilha histórica abrangente

de dezembro de 2023
por DW Duque

Uma breve e clara história do conflito no Médio Oriente, de leitura obrigatória para compreender melhor o que está a acontecer hoje e um caminho a seguir na procura de uma resolução.

O pano de fundo

7 de outubro de 2023 foi um dia normal para Shani Louk, de 22 anos. Shani, uma tatuadora alemã, estava visitando um comício pela paz em Israel chamado Festival Supernova, que é uma celebração do fim de Sucot. Enquanto Shani dançava com seus amigos, ela não percebeu os milhares de militantes do Hamas que chegaram sem avisar e começaram a matar tantas pessoas quanto puderam encontrar. Shani foi uma das vítimas. Depois de matar Shani, os militantes do Hamas tiraram-lhe as roupas e desfilaram o seu corpo nu pelas ruas de Gaza na traseira de uma camioneta enquanto aplaudiam e gritavam “Allahu Akbar”.

Shani foi uma das vítimas do ataque do Hamas que resultou na morte de mais de 1.200 pessoas em Israel, com vários milhares de feridos. O massacre trouxe uma dor imensurável em todo o mundo. Muitos apoiantes dos palestinianos ficaram chocados e lamentados pelo facto de o seu defensor, o Hamas, se ter envolvido num massacre tão brutal. Outros redobraram a aposta e adoptaram o mantra “Liberte a Palestina por qualquer Meio” e “Do Rio ao Mar”. Do lado judeu do conflito estavam as questões: por que isso aconteceu? Por que eles nos odeiam tanto? O que fizemos para merecer isso? Ironicamente, o Festival Supernova pretendia ser uma manifestação pela paz para apoiar as relações pacíficas entre Israel e a Palestina, mas o Hamas atacou o festival de qualquer maneira, matando centenas de participantes. A questão é por quê.

Tendo observado de perto o conflito entre Israel e a Palestina durante décadas, ocorreu-me que os meios de comunicação modernos fornecem muito pouca informação sobre a disputa real entre estas pessoas, o que resulta numa ignorância generalizada das questões. Por exemplo, ao ouvir as discussões sobre o conflito, é evidente que poucas pessoas estão conscientes de que a Autoridade Palestiniana e o seu adversário Hamas são ramos dos grupos militantes do Grande Mufti de Jerusalém, Muhammed Amin al-Huseini, que foi o co-fundador do conflito. -autor, com Adolph Hitler, do plano nazista para concentrar e exterminar todos os judeus na Europa e depois na Palestina.

Antes do ataque de 7 de Outubro, eu ajudava famílias na Palestina a obter alimentos e cuidados médicos. Durante nossas conversas, tive ocasiões para discutir a situação deles em profundidade. Fiquei sabendo que numa família o pai ficou incapacitado devido a um ferimento sofrido num conflito militar com Israel. Um dos filhos também era deficiente e a mãe era a única fonte de renda. Ela vende frutas e legumes em uma barraca de frutas à beira da estrada. A jovem explicou que os cuidados médicos só estão disponíveis para as famílias mais ricas e que a riqueza é determinada de acordo com a posição de cada um dentro do Hamas ou dentro da esfera de influência do Hamas.

A mãe informou que a vida deles é melhor do que a de muitos, mas quase todos vivem bem abaixo do nível de pobreza. A comida é difícil de obter e só está disponível se a pessoa estiver disposta a trabalhar muitas horas. Ela disse que não há esperança para ninguém na Palestina. Morrer é mais fácil do que viver nestas circunstâncias, razão pela qual tantos palestinos estão dispostos a morrer como mártires, como um homem-bomba. “ A vida é tão ruim eles não se importam .”

Como nunca soubemos quão seguras eram as nossas comunicações, estas famílias tiveram muito cuidado em não discutir governo ou política, exceto para dizer ocasionalmente: “A nossa função não é perguntar porquê”. Mas sem informação completa, uma mãe disse que culpa Israel pela situação na Palestina. Ela disse que foi ensinada desde que se lembra que os palestinos vivem com um único propósito: matar todos os

judeus. Quando lhe perguntei porquê, ela disse que é porque os judeus querem matá-los. Quando comecei a partilhar com ela que estava a trabalhar com uma organização israelita chamada Setenta Nações, em Jerusalém, para desenvolver uma clínica médica para prestar cuidados médicos gratuitos aos palestinianos, ela não conseguia compreender por que faríamos tal coisa. Ela não conseguia compreender porque é que os judeus fariam alguma coisa para os ajudar, porque este conceito não se enquadrava no seu paradigma cognitivo de que judeus e palestinianos existem com o único propósito de se matarem uns aos outros. Ela afirmou ainda que o Hamas lhes ensinou que a única razão pela qual Israel não matou todos os palestinos é porque o Hamas os protege. Ela admitiu que isso não corresponde totalmente ao que aprendeu na internet, mas acredita que a informação na internet é propaganda.

Muitos protestam que as ações de Israel são brutais na resposta às agressões do Hamas. Por exemplo, nas actividades militares desde 7 de Outubro de 2023, as alegações de utilização de fósforo branco abundam mais uma vez, embora Israel negue tal utilização. Israel também é acusado de ter como alvo civis na tentativa de erradicar o Hamas, mas a realidade é que o Hamas utiliza humanos como escudos. Isto levanta a questão do lado israelita: o que Israel deveria fazer? Toda soberania tem o direito e a obrigação de defender a si mesma e aos seus cidadãos dos agressores. Neste breve ensaio, examinaremos uma história resumida da área hoje conhecida como Israel para compreender melhor os problemas que existem nesta região. Ao fazê-lo, poderemos alcançar uma melhor compreensão e um caminho a seguir na busca de uma resolução.

Antigo Israel

A região do mundo que hoje chamamos de Israel tem sido objeto de uma disputada reivindicação de direitos há milhares de anos. Para o povo judeu, a terra de Israel é a terra prometida dada a Moisés e aos israelitas por D'us por volta de 1450 AEC. Israel nem sempre permaneceu sob o controle exclusivo do povo judeu, embora nunca tenha havido um momento em que os judeus não estivessem em Israel desde a primeira chegada registrada. Provas da existência de judeus em Israel foram encontradas em escavações arqueológicas que datam de 900 a.C.

Em 578 AEC, Israel foi invadido pelos babilônios e permaneceu sob ocupação até o reinado de Ciro, o Grande, que devolveu Israel aos judeus

e lhes deu passagem por toda a Pérsia e para Israel. Alexandre, o Grande, conquistou Israel em 333 AEC, o que o colocou sob o governo dos gregos. No ano 165 AEC, os judeus recuperaram a Judéia, embora dentro de cem anos a terra tivesse sido conquistada pelos romanos. Durante este período o segundo templo foi construído em Jerusalém. Em 70 d.C. os judeus revoltaram-se mas foram subjugados e durante esta revolta o segundo templo foi destruído. Em 133 EC, durante outra revolta, os judeus foram levados à escravidão. Este foi o início da diáspora judaica moderna.

No ano 638 EC, os muçulmanos conquistaram Jerusalém. Aproximadamente 20 anos depois, Omar, o segundo califa do Islão, construiu a mesquita de al-Aqsa, considerada o terceiro lugar mais sagrado de todo o Islão. Com excepção dos anos 1099-1187, o breve período em que Jerusalém ficou sob o controlo dos Cruzados, a área que hoje chamamos de Israel permaneceu sob ocupação muçulmana até ao século XX, quando foi reivindicada pelos judeus. No entanto, mesmo durante o período em que esteve sob controlo muçulmano, sempre houve judeus em Israel, e os judeus nunca entregaram as suas terras, mesmo enquanto estavam sob ocupação.

O Israel moderno, a Autoridade Palestina e o Hamas:

No final do século XIX, o anti-semitismo europeu estava a aumentar. Os judeus foram submetidos a várias formas de perseguição e muitas vezes privados de oportunidades básicas de vida. À medida que a perseguição se tornou cada vez mais intensa, foi tomada a decisão de que havia chegado o momento de recuperar a terra que se acreditava ter sido dada aos judeus na época de Moisés. O ímpeto para esta migração foi em grande parte uma resposta a um livro do jornalista judeu Theodor Herzl, escrito em 1896, chamado Der Judenstaat (O Estado Judeu). À luz deste desejo de garantir um Estado judeu, os judeus começaram a migrar da Europa para a Palestina (hoje conhecida como Israel) e no início do século XX havia cerca de 25.000 judeus a viver na Palestina. À medida que 1915 se aproximava, esse número aumentou para mais de 70.000. Esses primeiros imigrantes ficaram conhecidos como sionistas. Em 1917, o ministro das Relações Exteriores britânico, Arthur Balfour, enviou uma carta ao líder sionista Lord Rothschild, que ficou conhecida como Declaração Balfour. Nesta carta, Balfour assegurou aos sionistas que a

Grã-Bretanha apoiaria o estabelecimento da Palestina como o lar nacional do povo judeu.

Em 1935, o número de judeus na Palestina atingiu 300.000, o que era quase metade do número de palestinos nativos que viviam na região. Alguns palestinianos acolheram bem os judeus e viram isto como uma oportunidade para enriquecer a sua cultura e comércio e para beneficiar das ligações judaicas à Europa. Outros, porém, que não queriam ver os judeus se mudando para a sua terra natal, procuraram impedi-los de imigrar para a Palestina. Alguns acreditavam, por razões religiosas e outros por razões étnicas, que os judeus não tinham o direito de viver na terra que foi o lar do Islão durante mais de mil anos. Foi aqui que a semente da desarmonia foi plantada de mãos dadas com a discriminação étnica tanto nos árabes como nos judeus.

De 1920 a 1947, a Grã-Bretanha governou a Palestina. Num esforço para se afastar do enigma de governar uma região tão tumultuada, a Grã-Bretanha entregou o seu controlo às Nações Unidas em 1947. Para resolver o conflito, as Nações Unidas propuseram duas nações separadas, a Palestina e Israel. Segundo este plano, 56,47% da Palestina seria dada aos judeus e 43,53% seria dada aos árabes. Jerusalém deveria ser tratada como território internacional. Entretanto, centenas de milhares de judeus fugiam da Europa para imigrar para Israel.

Com o tempo, a resistência árabe à imigração de judeus começou a aumentar. Grande parte da resistência árabe foi resultado das ações do Grande Mufti de Jerusalém , Muhammed Amin al-Huseini. Al-Huseini nasceu na década de 1890. Ele era filho do Mufti de Jerusalém, membro de uma das famílias mais poderosas da Palestina. Muhammed Amin al-Huseini estudou na Universidade al-Azhar no Cairo e na Escola de Administração de Istambul. Ele rapidamente se tornou conhecido como um extremista. O Alto Comissário Palestiniano da Grã-Bretanha foi fortemente influenciado pelos anti-sionistas na Grã-Bretanha e nomeou Muhammed Amin al-Huseini para servir como Grande Mufti de Jerusalém em 1922, apesar do seu conhecido ódio e violência contra os judeus. Com o passar do tempo, o Grande Mufti tornou-se extremamente poderoso. Ele emitiu um édito chamado "Izbah Al-Yahud", que significa "Matar os Judeus". Mas foi ainda pior para os árabes que não apoiaram o seu plano. Eles foram torturados e mortos aos milhares até que quase não sobrou ninguém que se opusesse ao Mufti, exceto aqueles que

permaneceram em silêncio para sua própria segurança. Com o apoio da Grã-Bretanha, Muhammed Amin al-Huseini era simplesmente demasiado poderoso para que alguém se opusesse, e o assassinato dos judeus tornou-se cada vez mais difícil de evitar.

Em abril de 1936, seis homens árabes muito poderosos formaram uma organização chamada “Comitê Superior Árabe”. Esta organização foi criada para se opor à imigração de judeus para a Palestina e para se opor àqueles na Grã-Bretanha que começaram a voltar o seu apoio para os sionistas. Naquele ano, eclodiram revoltas árabes por toda a Palestina e muitos judeus foram mortos juntamente com árabes que tinham amizade com os judeus. O Grande Mufti uniu forças com Adolph Hitler em 1937, apelando ao ódio do próprio Hitler pelos judeus. De acordo com informações descobertas durante os Julgamentos de Nuremberg, o Grande Mufti foi a pessoa mais influente em persuadir Hitler a iniciar a concentração e extermínio dos judeus na Europa, no que hoje chamamos de “Holocausto”. O plano era que, se Hitler tivesse sucesso na Europa, levaria os seus exércitos para a Palestina para matar todos os judeus de lá. Eventualmente, o “Comité Superior Árabe” foi declarado uma organização terrorista pela Grã-Bretanha depois de assassinar o Inspector Geral Britânico da Palestina e matar dezenas de árabes e judeus.

O Grande Mufti Muhammed Amin al-Huseini foi forçado ao exílio na Síria e em 1941 mudou-se para Berlim, onde trabalhou em estreita colaboração com Adolf Hitler na concentração e extermínio dos judeus. Muhammed Amin al-Huseini nunca mais regressou à Palestina após a sua partida em 1937 e morreu em 1974 no exílio da Palestina, que então se tornara conhecida como Israel. Durante sua vida ele esteve em forte oposição à família Hachemita da Jordânia e em 1951, organizou o assassinato do rei Abdullah I da Jordânia porque ele havia dado o título de Grande Mufti de Jerusalém a outra pessoa. Em 1969, a organização de Muhammed Amin al-Huseini, que ficou conhecida em 1964 como Organização para a Libertação da Palestina, foi assumida por seu sobrinho Mohammed Abdel-Raouf Arafat As Qudwa al-Hussaeini, mais conhecido como Yasser Arafat. Até à sua morte, Yasser Arafat ainda se referia ao seu tio como “o nosso herói al-Huseini”.

As forças judaicas e as forças árabes estiveram em constante confronto com as forças israelenses, mostrando o maior sucesso. Em 14 de maio

de 1948, Israel declarou-se oficialmente como uma nação e a Declaração entrou em vigor em 15 de maio de 1948. Nesse mesmo dia, exércitos de cinco nações árabes, Jordânia, Egito, Líbano, Síria e Iraque, atacaram Israel, mas foram derrotados. Após este confronto, o Egipto manteve o controlo da Faixa de Gaza e a Jordânia manteve o controlo da área hoje chamada Cisjordânia. A tensão entre Israel e as nações árabes continuou a crescer até 5 de junho de 1967, altura em que se seguiu um grande conflito militar que ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias porque durou apenas seis dias. O ataque pretendia ser um ataque secreto das forças árabes contra Israel, mas Israel soube do plano e lançou um ataque preventivo contra o Egito, desativando a Força Aérea Egípcia. No final do conflito, Israel tinha tomado o controlo de Gaza e do Sinai ao Egipto e das Colinas de Golã à Síria, no norte. As forças jordanianas também foram forçadas a sair de Jerusalém Oriental e da Cisjordânia. Como resultado da Guerra dos Seis Dias, o território sob controlo de Israel quase duplicou e as Nações Unidas estimaram que mais de 500.000 árabes foram deslocados das suas casas.

Sob a influência de Yasser Arafat, a Organização para a Libertação da Palestina governou a Palestina com Punho de Ferro. Em 1987 foi formada uma organização chamada Hamas cujo único objetivo era matar todos os judeus e erradicar todos os vestígios da nação de Israel. O Hamas tornou-se mais poderoso e com o tempo tornou-se uma organização rival da Organização para a Libertação da Palestina. Embora a OLP fosse conhecida por ser implacável nas suas acções, o Hamas era conhecido por ser pior. As organizações rivais continuaram a entrar em conflito ao longo da década de 1990 e até ao século [xxi] . Durante este tempo, membros da OLP e do Hamas matariam judeus em todas as oportunidades que surgissem. Quando Israel retaliasse um ataque com força militar, o Hamas e a OLP acusariam imediatamente Israel de crimes de guerra. Como o Hamas e a OLP colocaram estrategicamente os seus meios militares em áreas civis, como hospitais, mesquitas e casas particulares, as baixas entre os cidadãos palestinianos foram sempre muito elevadas, mas dado que esses números provêm do Hamas, que se tem mostrado mentiroso, eles não são confiáveis quanto à precisão.

No ano 2000, Yasser Arafat e Saddam Hussein uniram esforços e começaram a oferecer recompensas de 25 mil dólares a qualquer família palestiniana que estivesse disposta a sacrificar um membro da família como homem-bomba em Israel. Muitas famílias ofereceriam de bom

grado um membro da família em benefício do resto da família e, por vezes, o indivíduo sacrificado era apenas uma criança pequena ou um bebé com uma bomba enrolada no cobertor. O número de mortes israelitas disparou imediatamente e permaneceu elevado até Israel completar o seu muro fronteiriço em 2006. A morte de Yasser Arafat devido a um hematoma subdural em 2004 e a conclusão do muro fronteiriço em 2006 resultaram num tempo de esperança tanto para os israelitas como para os israelitas. palestinos, embora tenha durado pouco. Mahmoud Abbas logo assumiu o controle da OLP, da Autoridade Palestina e do Fatah. Abbas foi criticado por não condenar a retaliação de Israel contra os ataques do Hamas a Israel. Com o tempo, Abbas começou a procurar uma resolução não violenta para o conflito entre Israel e a Palestina, enquanto o Hamas continuava o mantra do Grande Mufti " *Izbah Al-Yahud* " ou "Matar os Judeus".

Em 2006, o Hamas procurou participar nas eleições em Gaza. Tanto Ariel Sharon como Mahmoud Abbas opuseram-se à participação do Hamas. O Presidente dos EUA, GW Bush, acreditava firmemente que, dada uma oportunidade para a democracia, as pessoas escolheriam naturalmente a melhor opção. Os seus estrategistas calcularam que o Hamas não receberia mais de 20% dos assentos no Parlamento e ele ameaçou cortar a ajuda à Palestina se o Hamas não fosse autorizado a participar nas eleições. Para grande consternação de todos, o Hamas assumiu 56% dos assentos do Parlamento e, assim que assumiu o poder em 2007, começou a executar todos os que se lhe opunham, incluindo opositores do partido, como membros da OLP, AP e Fatah.

Embora o muro fronteiriço entre Israel e a Palestina tenha sido eficaz na redução do número de terroristas que atravessam a fronteira para assassinar civis e o número de mortes israelitas tenha diminuído drasticamente, o Hamas frequentemente lançava foguetes contra Israel, resultando muitas vezes na morte de civis. Costuma-se dizer que Israel ocupou a Palestina durante o período de 2006 até a presente data, mas isto é uma questão controversa. Depois que a Palestina foi tomada pelo Hamas, Israel cessou todas as atividades dentro da Palestina, exceto em resposta a ataques de foguetes do Hamas. Infelizmente, porque o Hamas esconde as suas instalações militares em instalações públicas, o número de mortes entre civis é muitas vezes muito elevado quando Israel retalia em resposta aos ataques. Isto novamente contribui bem para a campanha de propaganda do Hamas. Portanto, a realidade é que, em

termos de ocupação tradicional, Israel não ocupa a Palestina. No entanto, Israel controla a terra, o ar e o mar ao redor e acima de Gaza e em todos os portos de entrada. Alguns argumentam que esta é uma forma de ocupação. Israel diz que não tem escolha porque o Hamas quer matar todos os judeus e se abrirem as suas fronteiras aos palestinianos haveria novamente actividade terrorista massiva.

A campanha de propaganda:

Como observado anteriormente, depois de tomar o poder em 1922, o Grande Mufti de Jerusalém, Muhammed Amin al-Huseini, lançou uma campanha de propaganda antijudaica chamada " *Izbah Al-Yahud* " ou "Matar os Judeus". Esta campanha foi concebida para retratar os judeus como invasores violentos da Palestina e os palestinos como vítimas da sua agressão. Assim, a única solução, na opinião do Grande Mufti, era massacrar todos os judeus. Inicialmente, muitos muçulmanos na região se opuseram a al-Huseini e afirmaram que a Quinta Sura do Alcorão estabelece que Israel pertence aos judeus e que os árabes são os convidados na terra. Al-Huseini rapidamente voltou a sua ira contra este grupo que identificou como traidores e hereges, resultando na execução de milhares de árabes que acolheram os judeus. Eventualmente, os únicos árabes que restaram na Palestina foram aqueles que apoiaram al-Huseini ou que permaneceram em silêncio na sua oposição por medo de represálias.

É frequentemente debatido se al-Huseini, a quem foi conferido o título de "Ariano Honorário" pelos nazistas, realmente persuadiu Hitler a concentrar e exterminar os judeus ou se Hitler simplesmente teve a mesma ideia que al-Huseini e eles concordaram com um extermínio plano. A visão de Hitler sobre os árabes era complicada. Às vezes ele os elogiava e outras vezes afirmava que não queria nada com eles. Mais provavelmente, ele via al-Huseini como um "idiota útil" que partilhava as suas opiniões sobre os judeus. Mas, independentemente disso, lançaram em conjunto as bases para a Solução Final que consistiu na concentração e extermínio de todos os judeus em todo o mundo.

Em 1964, a Liga Árabe formou a Organização para a Libertação da Palestina, que intensificou a campanha de relações públicas destinada a retratar os israelitas como agressores violentos e os palestinianos como vítimas. Isto nada mais foi do que libelos de sangue e menosprezo dos

judeus utilizados ao longo da história e por Hitler durante a ascensão do nazismo em políticas de identidade extremas para fomentar o ódio contra os judeus. Foi esta máquina de propaganda que permitiu aos nazis convencer os alemães a discriminar, concentrar e, eventualmente, exterminar os judeus na Europa. O objectivo da Organização para a Libertação da Palestina era exterminar todos os judeus e estabelecer um estado palestiniano livre de judeus e eles usaram as mesmas técnicas de propaganda de Hitler. Isto inclui glorificar o mártir que morre enquanto mata judeus e retratar os judeus como agressores violentos que abusam dos palestinianos.

Um dos pontos de discussão da OLP é que Israel está a ocupar a Palestina, mas eles não revelam que sempre que Israel liberta a sua contenção de Gaza, os militantes palestinianos instituem um grande número de ataques contra Israel, como foi visto no massacre de 7 de Outubro. Assim, Israel é forçado a manter os palestinianos separados porque, se não o fizer, milhares de israelitas seriam mortos. Então Israel é responsabilizado pela ocupação e pelo chamado apartheid. A limitação de Israel às viagens dos palestinos é necessária para proteger os judeus dos ataques terroristas. No entanto, os anti-semitas acusam Israel de ser um ocupante, embora seja impossível para Israel abrir as suas fronteiras e permitir que os palestinianos viajem livremente em Israel.

Na década de 1980, quando a produção de petróleo trouxe milhares de milhões de dólares para as nações árabes, foi lançada uma campanha anti-Israel reforçada em todo o mundo. O objectivo era novamente retratar Israel como o agressor, ao mesmo tempo que minimizava os abusos cometidos pela OLP e pelo Hamas. Parte da campanha incluiu filmar a retaliação de Israel aos ataques da OLP e do Hamas sem revelar os actos aos quais Israel estava a responder. Simultaneamente, as nações anti-Israel começaram a adquirir posições de autoridade dentro das Nações Unidas, resultando num grande número de resoluções contra Israel, enquanto os abusos de outras nações eram ignorados. Como resultado desta campanha de relações públicas, grande parte do mundo ocidental desenvolveu uma imagem de Israel como o agressor e os palestinianos como vítimas inocentes. Em 2007, descobriu-se que o fotógrafo da Reuters, Adnan Hajj, estava alterando digitalmente fotos para dar a impressão de que Israel estava envolvido em crimes de guerra. Hajj foi demitido pela Reuters, mas ele foi apenas um dos muitos

jornalistas que participaram da campanha anti-Israel com provas forjadas.

Aqueles que estudaram cuidadosamente as imagens das vítimas dos bombardeamentos em Gaza, ao longo das últimas três décadas, notaram que muitas das cenas de assalto foram encenadas. Por exemplo, vídeos do mesmo ator morrendo várias vezes em locais diferentes começaram a surgir e outros vídeos de filmagens das consequências dos atentados foram descobertos como encenados quando terceiros que gravaram vídeos das filmagens revelaram pessoas supostamente mortas, levantando-se e indo embora. após o término da filmagem encenada. A falta de honestidade no relato dos acontecimentos faz com que a integridade do proponente da reivindicação fique em dúvida. Um exemplo disto no lado israelita torna os danos aparentes. Após o ataque de 7 de outubro de 2023, muitos meios de comunicação pró-Israel relataram que 40 bebês e crianças pequenas foram encontrados decapitados em um kibutz. Embora tenham sido encontradas 40 crianças e bebês massacrados em um kibutz, alguns dos quais foram decapitados, nem todos foram decapitados. Esta simples denúncia falsa foi aproveitada pelos pró-palestinos para alegar que os judeus foram desonestos ao denunciar os abusos cometidos pelo Hamas. Esta é a razão pela qual é tão importante que todos, em ambos os lados da questão, falem de forma honesta e verdadeira. Só assim conseguiremos encontrar uma solução para este litígio. Sem honestidade não há sinceridade e sem sinceridade nunca haverá paz.

O esforço para exterminar os judeus consiste em dois componentes principais de propaganda. A primeira componente, que é tão antiga como a história dos Judeus, é usar a política de identidade para distinguir o povo Judeu de outros povos, retratando-os negativamente com estereótipos, para que eventualmente o público aceite a crença de que a discriminação contra os Judeus é justificada. Isto ocorreu ao longo da história, mas tornou-se um movimento avassalador com a ascensão do nazismo na Alemanha. Agora estamos a ver isto acontecer novamente em todo o mundo, à medida que Israel é demonizado e retratado como o único agressor no actual conflito com a Palestina. Grande parte desta desinformação sobre Israel espalhou-se em universidades que receberam milhares de milhões de dólares em apoio financeiro de povos e nações anti-Israel. Porque é que os grupos anti-Israel se concentrariam nos estudantes universitários para vomitarem o seu ódio contra os

judeus? Porque, como muitos disseram, os estudantes universitários são pessoas ingénuas e crédulas que se apegam a ideias baseadas na popularidade e não na moralidade, e porque serão a próxima geração de líderes mundiais.

O segundo componente no esforço para exterminar os judeus é expandir a justificação da discriminação contra os judeus para várias formas de maus-tratos e, eventualmente, justificar o seu extermínio. Em 7 de Outubro de 2023, mesmo antes de Israel ter dado qualquer resposta ao massacre, protestos contra Israel começaram a ocorrer em todo o mundo. Sem dúvida, muitos destes grupos tinham conhecimento do acontecimento antes de este ocorrer, o que permitiu a sua rápida mobilização. Mas ainda mais preocupante é que estes grupos retratavam Israel como o agressor que merecia este ataque e o Hamas como combatentes pela liberdade. Agora, a campanha de propaganda adquiriu um enorme impulso. Em todo o mundo, milhões de pessoas manifestaram-se não só apoiando a Palestina, mas também apoiando o Hamas e convocando o Hamas para os combatentes da liberdade. O círculo está agora completo, o objectivo é agora expandir o círculo até que haja apoio suficiente em todo o mundo para aniquilar completamente os judeus e destruir Israel. Muitos que estão cientes da campanha perguntam por que é que uma organização como o Hamas, que tenta retratar-se como combatente da liberdade, se envolveria num massacre como o que ocorreu em 7 de Outubro de 2023. A resposta é bastante simples. Isto foi para condicionar e dessensibilizar o mundo à noção de que os judeus merecem ser exterminados porque são inerentemente maus e estão a abusar dos palestinianos. Isto é o nazismo cumprido e hoje prospera em todo o mundo.

A Falsa Equivalência

Dentro da propaganda contra Israel está o esforço para mostrar Israel como o partido maligno envolvido em abusos dos direitos humanos. Mais recentemente, isto assumiu a forma de chamar as acções militares de Israel em genocídio em Gaza. Assim, foi afirmado pela Rainha Rania Abdullah da Jordânia, numa entrevista à CNN em 25 de Outubro de 2023, que o bombardeamento de Israel em Gaza não é diferente do ataque do Hamas a cidadãos israelitas em 7 de Outubro de 2023. Esta comparação da Rainha é falsa. equivalência. Deveríamos, em primeiro lugar, reconhecer os enormes esforços da Rainha Rania e do seu marido, o Rei

Abdullah, para lutar contra o extremismo islâmico no Médio Oriente; no entanto, nesta questão ela está simplesmente errada.

No direito penal temos um elemento de crimes denominado mens rea. Mens rea é um estado de espírito criminoso exigido para certos crimes, como assassinato. Essa mens rea para assassinato existia quando os terroristas do Hamas mataram 1.200 cidadãos israelenses a sangue frio. Pegar uma faca e cortar o membro de um bebê, e colocar fogo em um grupo de crianças, e rir e comemorar enquanto elas queimam, é o pior nível de depravação conhecido pelos seres humanos. A intenção de causar danos aos humanos é a mens rea que revela a maldade dessas pessoas. Ele atende ao elemento de assassinato premeditado.

Em contraste com a *mens rea* dos assassinos em 7 de Outubro de 2023, as Forças de Defesa de Israel não têm como alvo intencional os civis. Em vez disso, Israel tem como alvo o Hamas, que utiliza humanos como escudos e que coloca as suas instalações militares em mesquitas, hospitais, escolas e áreas residenciais em Gaza. Ao contrário do Hamas, as FDI avisam antecipadamente os palestinianos antes de bombardearem as áreas onde estão localizados. Geralmente, os avisos vêm na forma de folhetos, lançados dos aviões, quatro a vinte e quatro horas antes do início do bombardeio. Quando estes avisos ocorrem, em vez de ajudar os civis na evacuação, o Hamas avisa os civis para não saírem e mata-os se forem apanhados a tentar evacuar. Mesmo quando os soldados israelitas protegiam certas ruas e montavam guarda para proporcionar vias de passagem segura aos palestinianos, o Hamas disparava contra os palestinianos que andavam nas avenidas de passagem segura.

Israel está empenhado na tarefa de eliminar o Hamas de Gaza. É claro que indivíduos civilizados não podem coexistir com pessoas do nível de depravação do Hamas. Depois de tentar durante 70 anos normalizar as relações com os palestinianos, é evidente que é impossível normalizar as relações com alguém que existe com o único propósito de o assassinar. Mas Israel não tem como alvo intencional os civis. Estão a fazer todo o possível para minimizar a perda de vidas civis. Visar civis é lançar uma bomba sobre Hiroshima que resulta na morte de 140 mil pessoas. Visar civis é bombardear Dresden num ataque de dois dias que resultou em cerca de 250.000 mortes de civis. Historicamente, estes actos de atingir cidadãos foram considerados uma guerra aceitável, enquanto os

esforços de Israel para minimizar a perda de vidas civis são considerados um crime de guerra. Mais recentemente, vimos 350 mil pessoas mortas na Síria na guerra civil e 150 mil mortas no Iémin numa guerra diferente. Vimos centenas de milhares de pessoas mortas no conflito russo com a Ucrânia e, embora estes conflitos envolvam ataques intencionais a civis, quase não se fala uma palavra. No entanto, quando Israel inicia uma tarefa legítima e necessária de erradicar o Hamas e toma medidas extraordinárias para limitar a perda de vidas, vemos milhões de pessoas a protestar em todo o mundo e líderes mundiais a acusar Israel de crimes de guerra. Por que a diferença? Há apenas uma diferença: o antigo problema do anti-semitismo.

Por que o ódio entre palestinos e judeus

O mundo ocidental luta para compreender a raiz do conflito entre palestinos e israelenses, mais comumente caracterizado como o conflito entre árabes e judeus. A incapacidade de compreender a raiz do conflito provoca a incapacidade de compreender a razão da sua ocorrência hoje. Para compreender a base do conflito é necessário reconhecer que mesmo no mundo moderno, a raiz do conflito entre árabes e judeus é o desacordo religioso. Entre judeus, cristãos e muçulmanos moderados e racionais não há problema. Eles entendem e aceitam que há muitas questões sobre as quais as mentes razoáveis podem divergir, incluindo a religião. Há dois milhões de árabes muçulmanos vivendo em Israel, trabalhando em hospitais, empresas e ocupando altos cargos no governo. Eles são um testemunho do maravilhoso povo do Islão e da sua feliz coexistência com os judeus. Infelizmente, embora outras religiões e pessoas do mundo tenham superado antigos ódios e preconceitos religiosos, os muçulmanos radicalizados não o fizeram. O seu ódio pelos judeus baseia-se num direito de nascença que eles acreditam ter sido tirado deles injustamente na disputa entre Isaque e Ismael, os filhos de Abraão, há quatro mil anos. Eles criaram uma estrutura de crenças centrada nesta premissa e profundamente enraizada no seu tipo de Islão, que muitos muçulmanos moderados consideram herético.

Muitas pessoas acharão implausível que as crenças religiosas possam ser tão fortes que continuem a perpetuar este ódio pelos judeus. Esta falta de compreensão fez com que o mundo ocidental falhasse repetidamente nas suas tentativas de negociar com entidades terroristas como a República Islâmica do Irão. O mundo ocidental não compreende

o fanatismo religioso e o extremismo inerentes à estrutura de crenças deste grupo fanático. Os princípios de moralidade universalmente aceites no mundo livre são rejeitados por estes extremistas religiosos radicais. Mas quando se percebe que até ao século passado os judeus foram perseguidos em toda a Europa por vários grupos cristãos que acreditavam que os judeus executaram o seu Messias, mas que agora aceitaram o povo judeu como seu igual, torna-se fácil compreender que o Islão radical não chegou avançar com o resto da humanidade. Embora a maioria dos cristãos e muçulmanos tenham ultrapassado esta desconfiança em relação aos judeus, os muçulmanos radicalizados não o fizeram. A menos e até que o façam, não poderão viver entre as nações civilizadas do mundo.

Antissemitismo nas Nações Unidas

Em 5 de outubro de 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, foram formadas as Nações Unidas. No seu início, as Nações Unidas eram um farol de luz num mundo cheio de violência e hostilidade. Originalmente, composta por 51 membros, a organização serviu como a maior invenção da humanidade para a preservação global dos direitos humanos. A Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas, criada em 1948, foi traduzida para 500 línguas e serve de modelo para muitas nações no tratamento dos seus residentes e cidadãos. As Nações Unidas expandiram-se agora para incluir 193 nações e porque as suas decisões são baseadas em votos, as nações anti-semitas adquiriram uma força tremenda dentro da organização. Assim, apesar de outras nações terem cometido violações maciças dos direitos humanos, como a Síria, que causou a morte de 360 mil sírios, ou o Iémin, cujos abusos causaram a morte de 150 mil iemenitas, ou a República Islâmica do Irão, que financia o terrorismo em todo o No Médio Oriente, Israel recebeu mais resoluções nacionais específicas do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas do que qualquer outra nação. Por exemplo, em 2022, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou 15 resoluções específicas de nações contra Israel e 13 contra todas as outras nações combinadas, apesar da invasão da Ucrânia pela Rússia. Esse padrão ocorreu de forma consistente nas últimas três décadas. A questão é por quê.

Historicamente, as Nações Unidas têm-se aliado ao Islão radical contra os israelitas, permitindo que as suas instalações sejam utilizadas para alojar terroristas e permitindo que o seu equipamento seja utilizado para

acções militares do Hamas e da OLP. Quando Israel ainda operava em Gaza, antes de 2005, houve numerosos relatos de que a ONU permitiu que o seu equipamento fosse utilizado pela OLP para fins militares e, num caso, utilizou uma ambulância da ONU para exibir o corpo de um soldado israelita morto pelas ruas. de Gaza. O fracasso abismal das Nações Unidas torna-se evidente quando se percebe que através da noção de diversidade, equidade e inclusão, a República Islâmica do Irão, o Estado patrocinador do terror em todo o Médio Oriente, que executa os seus próprios cidadãos por serem homossexuais ou por protestando contra os abusos do governo, foi nomeado presidente do Fórum do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. Embora a nomeação seja rotativa entre as nações, certas nações que se envolvem em tais abusos devem ser excluídas de participar em tais cargos até que adoptem integralmente as disposições da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Devido a estes fracassos, a ONU perdeu a sua grandeza como modelo e padrão de comportamento para o mundo. Resta saber se as Nações Unidas voltarão a ser uma grande instituição.

Resolução :

Este impasse entre Israel e a Palestina cria uma situação insustentável que precisa de ser resolvida. Mas com um governo imediatamente vizinho, cujo único objectivo é aniquilar Israel e matar todos os Judeus, a assimilação com a Palestina é difícil para os Judeus conseguirem. Portanto, a questão que todos nós devemos considerar é qual é o melhor curso de acção no conflito entre Israel e a Palestina?

A realidade é que o Hamas é uma organização que tem o mesmo objectivo genocida de Adolf Hitler, que é assassinar todos os judeus. Na verdade, o antecessor do Hamas desenvolveu o quadro para a Solução Final com Adolph Hitler quando celebraram um acordo em 28 de Novembro de 1941. O Hamas utiliza escudos humanos e coloca as suas instalações militares em locais civis, pelo que o número de mortos é elevado quando Israel retalia. O Hamas não só tem como alvo civis inocentes, mas causa tanta dor e miséria quanto possível às vítimas no processo. O Hamas é o ódio maligno do pior e mais absoluto tipo. Israel não pode viver ao lado de uma nação governada pelo Hamas. Muito simplesmente, enquanto existirem o Hamas e outras organizações terroristas, como o Hezbollah, o ISIS, os Taliban e a IRI, não poderá haver paz no mundo e especialmente no Médio Oriente. Se Israel relaxar a

guarda e abrir as passagens de fronteira, então Israel será confrontado com actos de terrorismo desenfreados. No entanto, se Israel mantiver as passagens de fronteira limitadas, então Israel será acusado de abusos e ocupação dos direitos humanos. Em suma, Israel não tem outra linha de acção viável que não seja a completa destruição e aniquilação do Hamas. O mundo precisa enfrentar os terroristas de uma vez por todas. Se não o fizermos, eles tornar-se-ão ainda mais poderosos e as vidas dos nossos filhos e netos perderão o sentido.

O ponto crítico é lembrar que Israel está em guerra com o Hamas e não com o povo palestiniano. Os esforços envidados para destruir o Hamas devem ser tão cirurgicamente precisos quanto possível para minimizar os danos colaterais e a perda de vidas civis. Antes de bombardear uma área específica, Israel normalmente notifica os palestinos locais com antecedência. Embora o Hamas proíba frequentemente as pessoas de saírem, isto pelo menos salva algumas vidas palestinas. No entanto, a perda de propriedade é claramente devastadora. Centenas de milhares de pessoas perderam as suas casas e outros bens devido aos bombardeamentos. Dado que o seguro de propriedade não está disponível nestes países devastados pela guerra, estas famílias simplesmente perdem tudo o que possuem. E o número de mortes palestinianas é desconhecido porque os relatórios fornecidos pelo Hamas não são fiáveis, mas sabemos que o número de mortes é elevado devido às práticas do Hamas, em violação do direito internacional, de colocar as suas instalações militares entre civis.

Não obstante o direito e a obrigação de Israel de defender os seus cidadãos, a utilização de métodos para destruir o Hamas deve incluir os meios menos intrusivos disponíveis para minimizar os danos colaterais aos civis. À medida que o Hamas se torna mais fraco, mais e mais palestinianos avançam para condenar o Hamas. Eles estão postando seus vídeos na internet e implorando para que Israel e os EUA destruam o Hamas. Este seria um momento oportuno para começar a oferecer recompensas monetárias aos cidadãos da Palestina que estejam dispostos a fornecer informações que levem à prisão e condenação de membros do Hamas. 10.000 ou 20.000 dólares seriam uma enorme quantia de dinheiro para uma família palestina e aumentariam o desejo de se libertar do Hamas. Israel também poderia oferecer cuidados médicos e bolsas de estudo a universidades israelitas para aqueles que ajudarem na derrubada do Hamas.

Quando Israel concluir o seu actual objectivo de eliminar o Hamas, o próximo passo crítico será ajudar a restaurar o povo palestiniano a um nível de vida razoável. Esta será a primeira vez na história em que Israel terá uma oportunidade real de proporcionar uma sociedade maior aos palestinianos. Na verdade, com cooperação e esforço, a Faixa de Gaza deverá tornar-se uma estância costeira de classe mundial. Não será fácil, mas a paz entre a Palestina e Israel pode ser alcançada durante o nosso tempo de vida. Esse deveria ser o objectivo de Israelitas e Palestinianos. Em algum momento num futuro próximo, depois de ver a vida maravilhosa que os israelenses vivem, os palestinos poderão até solicitar a anexação formal pela nação de Israel.

Referências

1. " *Uma olhada nos bilhões de dólares em ajuda externa a Gaza"* . *AP Notícias* . 20 de dezembro de 2021. Obtido em 16 de outubro de 2023.
2. Britanica, (Atualizado em 11 de outubro de 2023) *História e Sociedade, A Declaração Balfour* . https://www.britannica.com/event/Balfour-Declaration recuperado 21 de outubro de 2023.
3. Cook, Jonathan *(13 de outubro de 2017) O acordo de reconciliação do Hamas Fatah será bem-sucedido. https://www.aljazeera.com/features/2017/10/13/will-hamas-fatah-reconciliation-deal-succeed/. Al Jazeera . Recuperado 14 de outubro de 2023.*
4. David G, Dalin John F. Rothman (2009). *Ícone do Mal: O Mufti de Hitler e a Ascensão do Islã Radical, Transaction Publishers. ISBN 978-1-4128-1077-7.*
5. *Documentos sobre a política externa alemã 1918-1945, Série D, Vol XIII, Londres, 1964* https://archive.org/details/DocumentsOnGermainForeignPolicy-SeriesD-VolumeXiii-June23 - Recuperado em 21 de outubro *de 2023.*
6. Eldar, Shlomi *(18 de agosto de 2017). "Israel, Hamas, Egito cooperando indiretamente contra o EI0" https://www.al-monitor.com/originals/2017/08/israel-egypt-hamas-cooperative-security-islamic-state-sinai.html. Al-Monitor. Recuperado em 14 de outubro de 2023*
7. Filiu, Jean-Pierre, (2017) " *Gaza, A History",* Oxford University Press, EUA.
8. Filiu, Jean-Pierre, (2015) *"Do Estado Profundo ao Estado Islâmico: A Contra-Revolução Árabe e seu Legado Jihadi"* Hurst & Co Publishers Ltd.
9. Herzl, Theodore, (1896) *Der Judenstaat. (O Estado dos Judeus)* Verlags-Buchhandlung de Breitenstein
10. *"Ataque de Israel: PM diz que Israel está em guerra após 70 mortos em ataque de Gaza"* . *BBC Notícias. 7 de outubro de 2023* . Recuperado em 7 de outubro de 2023 .
11. Kattan, Victor (2009). *Da Coexistência à Conquista: Direito Internacional e as Origens do Conflito Árabe-Israelense, 1891–1949* . *Plutão Imprensa* . *ISBN 978-0-7453-2579-8* .
12. Tessler. Mark, *Uma História do Conflito Israelo-Palestina,* Indiana University Press, 1994
13. Ostrer, Harry MD (2012 *).* *Legado: Uma História Genética do Povo Judeu* . *Universidade de Oxford Imprensa . págs. 26–. ISBN 978-0-19-997638-6* .
14. Shaul Mishal, Avraham Sela, *O Hamas Palestino: Visão, Violência e Coexistência* Columbia University Press.
15. Tauber, Eliezer (2021) *O massacre que nunca existiu* , Koren Publishers, Jerusalém
16. Tress, Luke, *ONU condenou Israel mais do que todos os outros países combinados em 2022-Monitor,* Times of Israel, (3 de janeiro de 2023)

https://www.timesofisrael.com/un-condemned-israel-more-than-all- outros países-combinados-in-2022-monitor/ Acessado em 14 de dezembro de 2023
17. "Comissão Independente de Inquérito da ONU sobre Protestos em Gaza apresenta suas conclusões - Comunicado à Imprensa - Questão da Palestina" . *www.un.org* .
18. Branco, Ben (15 de janeiro de 2012). *Palestinos em Israel: Segregação, Discriminação e Democracia* . Plutão Imprensa .

© DW Duke , 2023